

ENSAIO SOBRE HERMENÊUTICA PENTECOSTAL: uma perspectiva assembleiana

Eduardo Leandro Alves¹

ABSTRACT

This article addresses Pentecostal Hermeneutics, focusing on the Assemblies of God perspective, aiming to clarify and strengthen the theological identity within this tradition. It argues that there is a diversity of hermeneutical approaches within Pentecostalism, which can lead to theological discrepancies and doctrinal confusion. The hermeneutical method adopted by Assemblies of God Pentecostal theology is discussed, opting for the historical-grammatical approach, which recognizes the divine inspiration of Scriptures. At the same time, it emphasizes the importance of not sanctifying a single method but highlights the need for a hermeneutic that preserves the authority of Scriptures and does not deny the contemporaneity of spiritual gifts. In the production of this article, predominantly descriptive and analytical methods are used.

Keywords: Pentecostal Hermeneutics. Assemblies of God Pentecostal Theology. Hermeneutical Methods.

RESUMO

O presente artigo aborda a Hermenêutica Pentecostal, focando na perspectiva assembleiana, com o intuito de esclarecer e fortalecer a identidade teológica dentro dessa tradição. Argumenta-se que há uma diversidade de abordagens hermenêuticas dentro do pentecostalismo, o que pode gerar ruídos teológicos e confusão doutrinária. Trata-se o método hermenêutico adotado pela teologia pentecostal assembleiana, optando pelo histórico-gramatical, que reconhece a inspiração divina das Escrituras. Ao mesmo tempo, destaca-se a importância de não sacralizar um único método, mas ressalta a necessidade de uma hermenêutica que preserve a autoridade das Escrituras e não negue a contemporaneidade dos dons espirituais. Na produção deste artigo utiliza-se, predominantemente o método descritivo e analítico.

Palavras chaves: Hermenêutica Pentecostal. Teologia Pentecostal Assembleiana. Métodos Hermenêuticos

Introdução

Com vistas a auxiliar estudantes de teologia pentecostal, em especial na área da hermenêutica, este texto que você tem em mãos é uma tentativa de expor a posição da teologia Pentecostal Clássica (assembleiana, especificada na Declaração de Fé). Por que esse texto é necessário? Porque há uma “enxurrada”

¹ Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Pastor da Assembleia de Deus em Rio Tinto, PB (COMADEP). Diretor do Centro de Estudos Teológicos da ADPB (CETAD-PB). Escritor das Lições de Escola Bíblicas de Jovens da CPAD. Autor dos Livros: A Prova da Vossa Fé, A sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico, Introdução à Teologia Pentecostal, todos editados pela CPAD. Professor de Pós graduação em Teologia da Faculdade Cidade Teológica (Fortaleza, CE). Professor da Pós Graduação (EAD) em Teologia Pentecostal da Faculdade Cristã de Curitiba (FCC)

de materiais com o título de pentecostal (e não estou dizendo que isso seja errado!), mas que não possuem compromisso com as propostas hermenêuticas, digamos, adotada pela Teologia Pentecostal assembleiana. Fazendo com que surjam ruídos teológicos dentro da denominação.

Este texto é produzido na condição teológico/pastoral (por um Pastor e teólogo de formação no pleno exercício do pastoreio de um campo). Entende-se que essa clareza é necessária para não causar confusões doutrinárias internas. É óbvio que a discussão acadêmica é necessária, no entanto, um entendimento denominacional é importante e isso sem excluir a academia, mas sem abandonar os princípios que nos nortearam até aqui.

A parte inicial deste texto, em especial sobre as Escolas de Springfield, Cleveland e Birmingham, baseia-se nas propostas do Pr. Silas Daniel.²

As escolas de Springfield, Cleveland e Birmingham

Se você se interessa por literatura teológica pentecostal, então é importante, antes de tudo, entender que, como ocorre com toda tradição teológica, há várias escolas distintas dentro do pentecostalismo. Neste artigo, procurando ajudar quem eventualmente ainda não atentou para isso, farei uma breve exposição das escolas teológicas dentro do pentecostalismo clássico além de nossas “praças”, já que este é mais diversificado³ e a produção teológica pentecostal clássica Brasileira é também, obviamente, mais conhecida por nós.

Os enfoques estão sobre a produção teológica pentecostal europeia-americana, que é a mais rica de todas. Obviamente que há excelentes teólogos pentecostais em outras regiões do mundo, mas, além de eu não estar muito familiarizado ainda com a produção teológica pentecostal africana e apesar de reconhecer valor em teólogos pentecostais sul-americanos, a produção europeia-americana é inegavelmente mais vasta e diversificada.

² DANIEL, Silas. **Hermenêutica Pentecostal**, Rio de Janeiro, self-publishing, 2020, apostila para curso online sobre o tema.

³ A produção teológica do pentecostalismo clássico brasileiro é mais uniforme em sua essência, e não há necessariamente nenhum demérito nisso

A teologia pentecostal clássica europeia-americana se divide basicamente em três escolas: a Escola de Springfield, a Escola de Cleveland e a Escola de Birmingham, sendo as duas primeiras as mais influentes. Essa classificação é assumida por teólogos como James K. A. Smith, Amos Yong, Kenneth Archer e Daniel D. Isgrigg.

O Movimento Pentecostal se dividiu em sua origem em três ramos, sendo dois deles de destaque (mas com um sendo muito maior do que o outro) e o terceiro sendo bem pequeno. As três correntes são:

- 1) O Pentecostalismo Evangélico, tendo como seu maior representante a Assembleia de Deus;
- 2) O Pentecostalismo de Santidade, que, muito influenciado ainda pelo Movimento de Santidade do século XIX, que foi a principal base ou ponto de partida do Movimento Pentecostal em sua gênese, ensina um batismo de santificação ao lado do batismo no Espírito Santo; e
- 3) O Pentecostalismo Unicista, que não crê na Doutrina da Trindade e é o menor dos três. Os outros dois são bem maiores, com o Pentecostalismo Evangélico sendo o maior de todos.

Outro detalhe é que o pentecostalismo europeu, conquanto seja de linha evangélica, acabou se aproximando muito mais do ecumenismo do que o pentecostalismo norte-americano, o que fez surgir um outro segmento bem peculiar dentro do movimento, de maneira que pode-se falar de uma subdivisão do Pentecostalismo Evangélico, que seria, de um lado, o “Pentecostalismo Evangélico Não-Ecumênico” e o “Pentecostalismo Evangélico Ecumênico”, sendo aquele maior e este menor.

Para entender essas as três correntes da Teologia Pentecostal hoje, é preciso conhecer os pressupostos teológicos que estão por trás delas, porque, na verdade, essas três correntes refletem respectivamente a teologia preponderante nas três principais escolas de tradição pentecostal hoje. Essas três escolas creem na contemporaneidade dos dons espirituais e no batismo no Espírito Santo como uma experiência subsequente à Salvação, um revestimento

de poder do Alto, que é sinalizado pelo falar em línguas; porém, no mais, há uma série de divergências entre elas.

Escola de Springfield – Em linhas gerais, é a que tem como sua principal referência a Assembleia de Deus (Springfield é onde fica a faculdade teológica e a sede da denominação nos EUA), pode ser definida, nas palavras de Smith, como “o evangelicalismo com ênfase especial na pneumatologia”. Isgrigg, mais crítico, define essa escola como uma mistura de “reformada, evangélica, dispensacionalista e fundamentalista”. Amos Yong a chama de “evangélicos com um plus”. Assembleianos em geral, identificam-se mais com essa escola, mas não só pentecostais assembleianos.

Escola de Cleveland – Tem como sua principal referência a Igreja de Deus em Cleveland, Tennessee, onde se encontra também a principal faculdade teológica dessa denominação nos EUA. Smith a define como uma escola que procura enfatizar, realçar e reforçar as distinções que o pentecostalismo tem em relação aos outros ramos do protestantismo. Isgrigg e Archer destacam também (1) a ênfase maior da Escola de Cleveland nas raízes wesleyanas do pentecostalismo (via Movimento da Santidade, de onde se originou a Igreja de Deus); (3) uma relação mais confortável com a “Grande Tradição da Igreja”; e (2) a proposta de uma hermenêutica distinta das adotadas pelo evangelicalismo. Aliás, alguns dos adeptos da Escola de Cleveland sequer se consideram evangélicos, defendendo o pentecostalismo como outra coisa totalmente distinta.

Mesmo que de forma um tanto simplista, pode-se dizer que a Escola de Springfield é marcada por uma produção teológica menos ressentida e mais conciliadora diante da histórica oposição do protestantismo tradicional ao pentecostalismo – especialmente em suas primeiras décadas⁴ – do que a produção teológica dos irmãos da Escola de Cleveland. Mesmo que se discorde desse aspecto mais geral da Escola de Cleveland, é preciso reconhecer que há muita coisa de qualidade na sua produção teológica.

⁴ Não que não haja ainda hoje antipentecostalismo – claro que há -, mas no passado mais remoto, inclusive aqui no Brasil, a coisa era muito mais agressiva.

Escola de Birmingham – Academicamente, é a maior representação do pentecostalismo europeu, tendo como principal centro de produção teológica a Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Essa escola é significativa, mas tem uma influência menor em relação às outras duas. Basicamente, as suas principais diferenças são (1) uma maior intersecção do pentecostalismo com outras áreas do conhecimento (ciência, política, economia, ecologia, etc.); (2) e sua inclinação ao ecumenismo. Seus principais nomes são o teólogo pentecostal suíço Walter Jacob Hollenweger (1927-2016), o teólogo pentecostal britânico Allan Anderson e o teólogo pentecostal alemão Wolfgang Vondey, que passou por Cleveland. Vondey é editor do *Journal of the European Pentecostal Theological Association*. Mesmo não sendo europeu, Amos Yong se declara simpático ao pensamento da Escola de Birmingham.⁵

É importante frisar que, obviamente, nem todo mundo que estudou em Springfield segue o entendimento da Escola de Springfield, nem todo mundo que estudou em Cleveland segue o pensamento da Escola de Cleveland e nem todo mundo que estudou em Birmingham segue a abordagem da Escola de Birmingham, mas fato é que essas escolas de pensamento dentro da teologia pentecostal, as quais são representadas por essas instituições, são uma realidade.

A questão do método

É óbvio que o método, seja ele qual for, não é isento de erro, pois, são tentativas humanas de interpretar a revelação de Deus nas Escrituras (e por ser método humano, está sujeito ao erro). Nas teologias pentecostais (no plural mesmo), não há um método hermenêutico para se chamar de “meu”. Assim como os pentecostalismos não são um bloco monolítico, os métodos hermenêuticos também não o são.

⁵ Silas Daniel em sua excelente obra sobre o Batismo no Espírito elenca um grande número de artigos publicados por diversos autores pentecostais, e, esses autores possuem opiniões heterodoxas em relação ao que o Pentecostalismo Clássico preconiza. Em especial as Assembleias de Deus, por meio da sua Declaração de Fé. Consulte o texto e as notas de rodapé em: DANIEL, Silas. O batismo no Espírito e as línguas como sua evidência, Rio de Janeiro: CPAD, 2020, pp. 199-214.

Assim, no caso desse texto, escrito dentro de uma perspectiva da teologia pentecostal assembleiana, defende-se o método hermenêutico histórico-gramatical. Não “sacralizamos” o método, pois, é possível utilizar outros métodos no estudo, como por exemplo o método histórico-crítico. No entanto, faz-se a opção pelo método histórico-gramatical, entre tantas questões possíveis, porque ele parte do princípio que o texto é Palavra de Deus, inspirada, suficiente e inerrante. E isso não faz do teólogo pentecostal, que utiliza o método histórico-gramatical “um fundamentalista metodológico alimentado de apologética rasa e infantil”, conforme querem alguns.

Defendendo que o método histórico-gramatical é anterior ao período da Reforma e, portanto, também anterior ao racionalismo, deve-se observar o fator lealdade à regra de fé, cristalizado nos credos dos séculos IV e V, que por sua vez motivou o surgimento de uma outra escola de interpretação cujo realismo bíblico foi considerado, pela ortodoxia cristã, capaz de responder, à altura, as controvérsias cristológicas dos séculos II e III. Essas controvérsias foram provocadas pelo sistema gnóstico que fazia de Cristo um pouco menos do que Deus e solidificadas na heresia ariana em torno da interpretação de João 14.28 de onde ficou concluído, segundo a heresia, a inferioridade de Cristo em relação ao Pai. Nasceu, assim, a nova escola, posteriormente conhecida por Escola de Antioquia, marcada pelo realismo bíblico cuja tendência era fazer sobressair os aspectos históricos e humanos de Cristo sem negar, no entanto, sua origem divina.⁶ A fundação da nova escola foi uma tentativa de “[...] evitar o ‘letrismo’ dos judeus e o alegorismo dos alexandrinos.”⁷

Os estudiosos de Antioquia davam grande ênfase à ideia de que a teoria refere-se basicamente ao fato de que havia uma visão ou percepção da verdade espiritual no cerne do acontecimento histórico que os escritores da Bíblia estavam registrando. Afirmavam ainda que essa ligação entre o acontecimento

⁶ COELHO, Lázara Divina. **Os caminhos do método histórico-gramatical**: Uma perspectiva descritiva. 2014, 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás; Departamento de Filosofia e Teologia; Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia, 2014. p., 47

⁷ VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 1987, p. 46

histórico e a verdade espiritual não era um duplo sentido ou significado, mas um sentido único conforme havia sido a intenção original dos escritores da Bíblia. “[...] eles insistiam que os acontecimentos históricos eram indispensáveis como meio que Deus havia escolhido para dar expressão à sua verdade eterna.”⁸

Além disso, como referido acima sobre a escola de Antioquia, é um erro identificar o método histórico-gramatical com o racionalismo, acusando-o de ignorar a iluminação do Espírito, assim como a experiência. Craig Keener, sabiamente destacou:

A interpretação gramatical e histórica é simplesmente uma maneira de descrever uma abordagem que, longe de ser um produto do modernismo, foi tomada como senso comum por muitos pensadores durante a maior parte da história, incluindo Crisóstomo e muitos reformadores. Levar a sério o fato de que Deus repetidamente escolheu inspirar autores humanos exige que levemos a sério as dimensões humanas do texto – as matrizes linguísticas e culturais nas quais ele é codificado. Esses autores procuraram se comunicar, e se estamos realmente interessados na Palavra de Deus do jeito que Ele deu através desses autores, procuraremos ouvir o que eles procuram transmitir. Até mesmo os desconstrucionistas aparentemente querem que os leitores entendam algo de seu ponto de vista, e os autores antigos, dificilmente seriam desconstrucionistas.⁹

Para embasar melhor a discussão e delimitar ao Pentecostalismo Assembleiano, é importante destacar o documento sobre Hermenêutica Pentecostal divulgado (e produzido) pela CGADB, ao qual destacamos uma parte do documento:

De igual forma, a Hermenêutica Pentecostal sadia não é uma negação do método histórico-gramatical. Por outro lado, não é um apego rigoroso e absoluto a esse método, cujo emprego não conduziu a fé reformada à compreensão e crença na atualidade da obra do Espírito Santo, tal qual prometida por Jesus e vivenciada pelos apóstolos e pelas igrejas do Novo Testamento.

Conquanto se valha de ferramentas da erudição bíblica, a Hermenêutica Pentecostal não flerta com quaisquer das aplicações do método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica que negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres. Em síntese: 1) não abraçamos de forma absoluta o método histórico-gramatical (que cria um cânon dentro do cânon); 2) não nos rendemos aos métodos histórico-crítico e pós-modernos, notadamente nos aspectos que buscam fragmentar as Escrituras e negar os milagres; 3) refutamos a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido, que devem sempre guardar coesão com o contexto histórico e gramatical; 4) não empregamos métodos de

⁸ KAISER JR, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.p., 213

⁹ KEENER, Craig. Response to reviews of Spirit hermeneutics, in: **Journal of Pentecostal Theology**, 2018, 27, n. 2, p. 222.

interpretação subjetivista, focados no leitor, em detrimento do autor e do texto; 5) consideramos que as experiências devem sempre e necessariamente serem submetidas ao crivo da inspirada e infalível Palavra de Deus; e 6) servimo-nos de ferramentas da erudição bíblica, conscientes de que métodos e técnicas, por melhores que sejam, são humanos e, portanto, imperfeitos e incompletos, pelo que buscamos acima de tudo a iluminação do Espírito Santo (Ef 1.18, 2Pe 1.20).¹⁰

A necessidade aqui, e esse é um dos objetivos do artigo, é reafirmar que há uma Hermenêutica Pentecostal, ratificada pelo Conselho de Doutrina da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), mas, ao mesmo tempo, diferenciá-la daquilo que é proposto por outros expositores que estão dentro dos “pentecostalismos” (ênfase no *ismos*), e que, em busca de se diferenciar de teologias cessacionistas, acabam por, sutilmente, desconstruírem a normatividade das Escrituras, exacerbando o lugar da experiência.

É digno de nota reafirmar que a inclusão da experiência pentecostal não é um caminho para o subjetivismo e o emocionalismo, pois, para o pentecostal clássico (aqui exemplificado por quem subscreve a Declaração de Fé da AD), a objetividade da Escritura permanece inviolável. A experiência pessoal não é regra comunitária, caso não esteja assim relacionado nas Escrituras.

Atualmente, ganham “corpo” discussões sobre o chamado método “pós-moderno”.¹¹ Qual seria o problema do método pós-moderno em relação a teologia? Com base em discussões filosóficas e literárias, muitos propõem uma leitura bíblica que, inicialmente pode ser muito interessante, a saber, a proposta de dar significado ao texto bíblico para as questões de nosso tempo. E, de antemão, informo que há a necessidade da contextualização do texto, visto que as culturas que ouviram (ou leram) o texto pela primeira vez, não existem mais. O problema é que nesse caminho, geralmente (para não dizer sempre!), está o questionamento da autoridade do texto bíblico, relacionada a sua inspiração, inerrância e suficiência.

¹⁰ Disponível em: <<https://adeb.com.br/gospel/manifesto-do-conselho-de-doutrina-e-da-comissao-de-apologetica-da-cgadb-sobre-hermeneutica-pentecostal>> Acesso em: 28 de Abril de 2024.

¹¹ Há uma discussão sobre a utilização do termo “pós-modernidade”. Alguns dizem que o correto seria “modernidade tardia”, “modernidade líquida”, “Modernidade religiosa”, etc. Utilizamos aqui o termo pós-modernidade, por entender que em nosso contexto essa expressão é melhor compreendida como um período de tempo no qual os conceitos da modernidade são questionados; um tempo de relativismo (em toda a abrangência da palavra) e onde a Verdade não é revelada, mas discernida, podendo existir tantas verdades quanto forem os interesses da pluralidade (especialmente religiosa).

São três os principais expoentes do método hermenêutico pós-moderno, a saber: O Alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), o francês Paul Ricoeur (1913-2005) e Jacques Derrida (1930-2004), de origem judaica, argelino de nascimento. Vejamos uma síntese de suas compreensões.

- **Hans-Georg Gadamer** – Em suas próprias palavras a hermenêutica “não é uma metodologia das ciências humanas, mas uma tentativa de compreender o que são verdadeiramente as ciências humanas para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga à totalidade de nossa experiência do mundo.”¹² Em sua perspectiva, a hermenêutica preocupa-se com a formação ética da existência, com o reconhecimento de que o ser humano é um ser em formação, sempre habitado pela alteridade e pelo efeito da relação.

Gadamer aproxima-se da crítica à razão instrumental e à razão unidimensional desenvolvida pela escola de Frankfurt, ao sustentar que o domínio do pensamento objetivador leva o selo de uma subjetividade rígida, instrumentalizada com o propósito de autoafirmação. Neste sentido, propõe-se a pensar uma prática humana e social que não se resume à aplicação mecânica da técnica. Busca mostrar que, além do método científico, existem outras formas de conhecer a realidade. Sua questão central é compreender a experiência humana, do saber e fazer humanos, questões máximas, decisivas para o Homem e para a escolha do bem.¹³

Utilizando essa mesma compreensão para o texto bíblico, ele não seria um repositório fixo de significados, mas, ao contrário, torna-se uma mediação de significados. Por conseguinte, a tarefa do leitor não é determinar o significado que o texto possuía para o autor quando foi escrito, mas entender o que o texto diz para o leitor atual (em qualquer época que a leitura for feita). Parte do argumento que a grande distância entre os horizontes (distância de tempo e cultura) entre o autor e o leitor torna impossível uma “objetividade pura” na interpretação bíblica.¹⁴ “O pentecostal enfatiza a experiência, mas sempre

¹² GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 31.

¹³ ROZEK, Marlene. *As contribuições de Hans-Georg Gadamer para a formação de professores* Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8778/2/As_contribuicoes_de_Hans_Georg_Gadamer_para_a_formacao_de_professores.pdf> Acesso em 36 de Dezembro de 2022.

¹⁴ VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?: interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p., 447.

ressaltando que ela deve ser um resultado natural da fé do crente naquilo que a Bíblia diz, um elemento corroborador da hermenêutica, não o centro dela”.¹⁵

Horizontes estão relacionados aos mundos vivos do autor e do intérprete que se fundem quando os dois se encontram no texto. Assim, o leitor expande o horizonte do texto ao apropriar-se dele em uma nova situação histórica. Em troca, o texto vai questionar o leitor a expandir as estruturas e as pressuposições que o leitor trouxe ao texto. Assim, surge a fusão de horizontes, onde a hermenêutica proposta se move do autor e do texto para realizar uma fusão entre o texto e o leitor com suas bases no presente (do leitor) e não no passado (do autor).

As ideias de Gadamer produziram uma variada gama de abordagens dentro dos estudos bíblicos, em especial entre os estudos acadêmicos, entre esses estudos estão as hermenêuticas liberacionistas, da qual a Teologia da Libertação, por exemplo, é uma das mais conhecidas. Tais hermenêuticas leem o texto bíblico a partir de uma agenda definida, via de regra política ou ideológica.¹⁶

No ano de 1967, E. D. Hirsch Jr., publicou o clássico “Validade em interpretação”, sendo ainda hoje uma contribuição importante para o debate sobre a interpretação. Seu texto foi uma crítica veemente a Gadamer por rejeitar a intenção do autor como uma norma para determinar o sentido do texto.

Os críticos literários frequentemente dizem que a teoria da irrelevância do autor foi inteiramente benéfica para os estudos e crítica literários, pois desviou o foco da discussão do autor para a obra. Sentindo-se mais confiante pela teoria, o crítico moderno passou a examinar o texto de forma cerrada e fiel, de modo a revelar seu sentido independente ao invés de buscar a suposta significância da obra para a vida do autor. A maioria dos críticos concordaria que esta mudança na direção da exegese foi importante, estejam ou não de acordo com a teoria da autonomia semântica. Mas esta teoria acompanhou o movimento exegético por razões históricas e não por razões lógicas, uma vez que nenhuma necessidade lógica compele o crítico a banir o autor para analisar o texto. Entretanto, por meio da associação histórica com a leitura cerrada, a teoria vem liberando sutileza e inteligência. Infelizmente, ela também vem frequentemente encorajando a mais

¹⁵ DANIEL, Silas. O batismo no Espírito é as línguas como sua evidência, Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 210.

¹⁶ Não é de se surpreender que muitos expoentes dos pentecostalismos (de novo ênfase nos *ismos*), flertam com as teologias de minorias, tais como a teologia negra, feminista, da libertação, *queer*, etc.

pura arbitrariedade e extravagância na crítica acadêmica e é uma razão importante para o ceticismo prevalente que duvida da possibilidade de uma interpretação objetivamente válida do texto literário.¹⁷

O resultado, com sérias implicações na teologia, é que o sistema hermenêutico de Gadamer é subjetivo, onde não há um critério para definir se uma interpretação é falsa ou verdadeira, pois na verdade, não há falso ou verdadeiro, onde a relativização da verdade se cristaliza. A verdade está nos olhos (na compreensão) de quem lê. Ou seja, tudo é verdadeiro para quem lê. Assim, em cada nova leitura é possível produzir sentidos diferentes para cada leitor e ao mesmo tempo não serem conflitantes.

- **Paul Ricoeur** – Possui uma influência em muitas áreas do saber, segue uma síntese de suas posições em relação a Hermenêutica:¹⁸

Uma vez escrito, o texto se divorcia irremediavelmente do seu autor e do contexto em que foi escrito. A intenção autoral é um alvo impossível de ser alcançado na hermenêutica. Nesse caso, a interação do leitor com o texto deve permanecer basicamente aberta, isto é, sem jamais fechar o sentido do texto;

Propõem-se que a textualidade do que está sendo lido seja colocada no centro da reflexão hermenêutica. Desta forma, a hermenêutica é mais do que ensino da interpretação de textos e de seus métodos interpretativos, tornando-se uma teoria para uma compreensão abrangente do mundo e da existência humana, que vem a ser realizada no meio da interpretação de textos.

O texto, por meio da contextualização, adquire autonomia, seja em relação ao autor, ou ao leitor. Essa ideia é fundamental em seu pensamento. Logo, o objetivo da interpretação de um texto é compreender-se frente ao texto, e não compreender o texto, visto que é o leitor que gera o significado.

- **Jacques Derridá** – O mais famoso entre os pós-modernos. Nasceu em Biar, Argélia, 1930. Faleceu em Paris em 2004. Publicou mais de cem títulos. É

¹⁷ HIRSCH, E. D., & MURAD, S. (2014). Validade em interpretação. **Revista Criação & Crítica**, (12), 195-210. <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i12p195-210>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

¹⁸ KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2009, p. 99-100

Leituras sugeridas para se aprofundar no tema:

VANHOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?**: interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

o filósofo mais traduzido no mundo. De família judaica sofreu as consequências do antissemitismo durante a segunda guerra mundial.

Na síntese do seu pensamento, destaca-se o tema da desconstrução. Ela não deve ser confundida com destruir, implodir, dissociar, desarticular. Trata-se de uma postura crítica, um despojar do supérfluo para a construção de algo novo.

O pensamento de Derridá permitiu àqueles que se debruçam em suas pesquisas a fuga da ingenuidade linguística, produzindo assim uma desconstrução de diversos termos e conceitos religiosos, cuja dimensão compreensiva só fazia sentido quando pensados a partir de uma perspectiva ocidental e, sobretudo cristã, ou seja, aplicando-os de maneira unilateral. Religião e religiosidade em Derridá são entendidas como fenômeno humano e, portanto, condicionados aos ditames da linguagem geral, sendo também, nesse caso, sujeita ao método da desconstrução. A temática da religião, quando é filosoficamente desconstruída, não propicia o seu aniquilamento ou destruição; pelo contrário, tal fato, possibilita-nos, por mais um viés, o estabelecimento de uma reflexão a partir de padrões típicos da pós-modernidade.¹⁹

De maneira prioritária, as reflexões de Derrida estão postas a priori, sob a emblematividade de uma filosofia que procura dar resposta a uma sociedade pós-moderna e pós-estruturalista, cujos ditames da religião “supostamente” não deveriam exercer mais tanta influência.²⁰

Assim, o método pós-moderno, por exemplo, dá ao leitor a autoridade de decidir o significado do texto. Isso é muito interessante para uma obra de ficção, um romance. Mas nós estamos tratando do texto bíblico, que visa ser nossa regra de fé e prática. Nesse caso, se cada leitor der o significado ao texto, teremos tantos significados quantos forem os seus leitores. Reconhecemos as contribuições acadêmicas dos autores citados, porém, algumas de suas conclusões, como apresentamos, podem causar uma grande confusão doutrinária.

¹⁹ SILVA, Elias Gomes da. A religião nas torres de Babel: Jacques Derrida. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p., 93. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>>. Acesso em 26 de Abril de 2024.

²⁰ Idem.

CONCLUSÃO

É salutar a existência “dos pentecostalismos”, e, esse texto não nega a possibilidade dessa pluralidade. Mas a questão é que, na busca pelos “ismos”, a identidade teológica assembleiana pode se perder no caminho. Não se está propondo suicídio intelectual aos assembleianos, mas ao contrário, que aprofundem-se em suas raízes, pois ainda há muita pesquisa a ser feita.

Sabemos que há uma “guerra” pelas consciências. Muitas coisas hoje em dia são escritas, faladas, mas que não possuem uma relação de devoção a Deus e a sua Palavra, que é o que produz orientação como uma bússola no caminho para a Salvação eterna. Portanto, é válido o conselho de Paulo a Timóteo: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3.14-17 ARA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Eduardo Leandro. *A prova da vossa fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- DANIEL, Silas. *Hermenêutica Pentecostal*, Rio de Janeiro, self-publishing, 2020, apostila para curso online sobre o tema.
- DANIEL, Silas. *O batismo no Espírito e as línguas como sua evidência*, Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- COELHO, Lázara Divina. Os caminhos do método histórico-gramatical: Uma perspectiva descritiva. *Dissertação de mestrado*. Pontifícia universidade católica de Goiás; Departamento de Filosofia e Teologia; Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia, 2014.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HIRSCH, E. D., & MURAD, S. (2014). Validade em interpretação. *Revista Criação & Crítica*, (12), 195-210. <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i12p195-210>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.
- KAISER JR, Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KEENER, Craig. Response to reviews of Spirit hermeneutics, in: *Journal of Pentecostal Theology*, 2018, 27, n. 2.

KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à hermenêutica teológica*. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2009.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

ROZEK, Marlene. *As contribuições de Hans-Georg Gadamer para a formação de professores*. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8778/2/As_contribuicoes_de_Hans_Georg_Gadamer_para_a_formacao_de_professores.pdf> Acesso em 36 de Dezembro de 2022.

SILVA, Elias Gomes da. A religião nas torres de Babel: Jacques Derrida. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p., 93. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>>. Acesso em 26 de Abril de 2024.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto? interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Vida, 1987.